

**10º Encontro da ABCP “Ciência Política e a Política: Memória e Futuro”**

30 de agosto a 02 de setembro de 2016

Hotel Ouro Minas, Belo Horizonte, MG

Área Temática: **Pensamento Político Brasileiro**

Título do Trabalho: **A DIMENSÃO POLÍTICA NO ESTRUTURALISMO CEPALINO DE  
CELSO FURTADO E JOSÉ MEDINA ECHAVARRÍA**

Autor: **Gustavo Louis Henrique Pinto (UFSCar)**

## A dimensão política no estruturalismo cepalino de Celso Furtado e José Medina Echavarría

Gustavo Louis Henrique Pinto (UFSCar)

**Resumo expandido:** A experiência do estruturalismo latino-americano, como tradição desenvolvimentista de formulação intelectual e de políticas de planejamento, no pós Segunda Guerra Mundial e impulsionadas pelo pensamento econômico da CEPAL, significaram um dos principais momentos de sistematização e de circulação de interpretações em comum para a região, no decorrer do Século XX. Ideias como subdesenvolvimento, atraso, centro-periferia, deterioração dos termos de troca, obstáculos ao desenvolvimento, são ideias reconhecidas como a constituição, para alguns autores, de uma “Escola Latino-Americana do Desenvolvimento” (Di Filippo, 2007), ou como teorias realmente autóctones da região (Love, 2011), também como teorias que constituem “ideias no lugar”, em relação a ideia de centro-periferia (Cardoso, 1977). Enfim, a constituição de uma determinada tradição de pensamento, a escola do estruturalismo cepalino.

No pensamento cepalino, da considerada primeira geração desta instituição (Bielschowsky, 2000), do período entre 1948 e 1960, apontamos o argumento que somente o economista brasileiro Celso Furtado (1920-2004) e o sociólogo espanhol José Medina Echavarría (1903-1977) realizaram contribuições significativas na consideração de aspectos políticos e sociais enquanto variáveis fundamentais da teoria do desenvolvimento. A formação da “civilização industrial” nos países latino-americanos, os processos de modernização via nacional-desenvolvimentismo, foram processos cuja interpretação se deu inicialmente no campo econômico (Raúl Prebisch, 1949). As variáveis não-econômicas, os aspectos do poder político, da formação do Estado-Nação, da ação das elites, da intelligentsia, a burocracia, a relação entre classes sociais, e os trabalhadores, representam temáticas que foram centrais somente em Furtado e Echavarría da primeira geração.

A partir dos resultados finais de tese de doutorado, interrogamos aqui sobre a dimensão política na teoria do desenvolvimento destes autores a partir de dois apontamentos.

O primeiro objetivo visa apontar a dimensão política e social como considerações centrais da teoria do desenvolvimento de Furtado e Echavarría, apresentado a partir do argumento da inviabilidade em pensar o desenvolvimento apenas no campo econômico. A ampliação das dimensões do desenvolvimento para aspectos políticos, sociais e culturais, constitui uma inovação do período da década de 1950, em nível internacional, dos estudos da área da qual os dois autores, de diferentes formas, participam intensamente. Especificamente, os textos comparados que permitem visualizar a defesa dos aspectos políticos e sociais do desenvolvimento, são *A pré-revolução brasileira* (1962) e *Dialética do desenvolvimento* (1964), de Furtado e *Aspectos sociales del desarrollo económico* (1959) e *Consideraciones sociológicas del desarrollo económico de América Latina* (1964), de Echavarría. A afirmação desta característica em Furtado é recorrente na literatura especializada sobre o autor, porém o que constitui de resultado a ser demonstrado, é a comparação com Echavarría, que permite constatar que ambos os autores se propunham a realizar uma teoria que, nos termos de Mannheim (1962), era sistêmica, um sistema de conceitos que engloba diferentes esferas da cultura e das experiências históricas, abarcando os diversos campos do pensamento sobre a sociedade. Concluímos que o Estado e a Política, instituições e os grupos sociais, elites dirigentes e os trabalhadores, compuseram a argumentação desses autores. Essa afirmação aparece de modo disperso na literatura sobre a Cepal, e necessita de sistematização junto à área do pensamento político, para melhor pensar as tradições nos estudos do desenvolvimento.

O segundo objetivo é apresentar a análise de que Furtado e Echavarría foram dois, dentre a primeira geração de cepalinos, que colocaram o debate da democracia como central na proposição do planejamento democrático. A hipótese de investigação é que os dois autores se deparam com a questão de como construir a modernidade na periferia, desencadeando na política como espaço central nesta tarefa, e, principalmente, com o peso na democracia na

realização do desenvolvimento, mas apresentando uma interpretação distinta de democracia em cada autor, como meio estratégico e fim em Furtado, de base social-democrática, e como um valor de liberdade e “criação social” em Echavarría, de base liberal competitiva. Nos temas da democracia e do planejamento, ambos os autores fortalecem argumentos ligados ao pensamento político brasileiro, possibilitando diferentes resultados. Celso Furtado legou uma interpretação sobre o Golpe de 1964, com uma leitura sobre a ineficácia da democracia, a inaptidão das elites dirigentes industriais (a burguesia nacional) nas tarefas do desenvolvimento, e a predominância do legislativo agrário conservador, que emperrava a ação do Executivo, análise fortemente criticada desde Campello de Souza (1976) e Lima Junior (1983). Medina Echavarría apresenta sua contribuição a partir da ideia de porosidade estrutural presente no pensamento de Cardoso e Faletto (1969) a respeito da dependência, e de legitimidade na análise do populismo de F. Weffort (1976).

Existem dois problemas candentes na agenda de pesquisas da Ciência Política, e em especial do pensamento político brasileiro (e latino-americano) que foram relacionados nesta pesquisa: a análise política do desenvolvimento econômico converge para o debate do papel dos intelectuais na formação do nacional-desenvolvimentismo e dos projetos teóricos que sustentam e legitimam as escolhas políticas de cada período. Os contextos e grupos em que se inserem os intelectuais estão marcados por um conjunto de representações e significados que constituíram as interpretações dos processos políticos e o lugar da Nação nestas. Por outro lado, uma nova perspectiva de análise sobre a produção do pensamento político e social latino-americano se abre a partir da noção de linhagens (Brandão, 2007). Nesta chave, processo social e ideias sociais são percebidas como um continuum, em que os modos de sua representação são momentos da luta política (Skinner, 2001).

A intersecção destes problemas aparece na obra e na ação de vários autores do pensamento político latino-americano. O recorte apresentado foca a análise da produção de Furtado e Medina Echavarría, por dois motivos: ambos pertenceriam à linhagem orgânica (papel preponderante do Estado sobre a sociedade, Cepêda, 2012) em seu momento de racionalidade econômica (nacional-desenvolvimentismo, Bielschowsky, 2004). A eficácia da racionalidade econômica em ambos estava ancorada em pressupostos para a transformação política dos países latino-americanos.

**Palavras-chave:** política do desenvolvimento, Teoria do desenvolvimento, democracia

A experiência do estruturalismo latino-americano, como tradição desenvolvimentista de formulação intelectual e de políticas de planejamento, no pós Segunda Guerra Mundial e impulsionadas pelo pensamento econômico da CEPAL, significaram um dos principais momentos de sistematização e de circulação de interpretações em comum para a região, no decorrer do Século XX. Ideias como subdesenvolvimento, atraso, centro-periferia, deterioração dos termos de troca, obstáculos ao desenvolvimento, são ideias reconhecidas como a constituição, para alguns autores, de uma “Escola Latino-Americana do Desenvolvimento” (Di Filippo, 2007), ou como teorias realmente autóctones da região (Love, 2011), também como teorias que constituem “ideias no lugar”, em relação a ideia de centro-periferia (Cardoso, 1977). Enfim, a constituição de uma determinada tradição de pensamento, a escola do estruturalismo cepalino.

A experiência da CEPAL significou, segundo Armando Di Filippo (2007), a configuração de uma Escola Latino-Americana do Desenvolvimento (ELD), com base em uma visão unitária e internamente coerente da região. Esta coerência de análise da CEPAL, aponta Di Filippo (2007, p. 125), se deu doravante a América Latina ser percebida enquanto uma unidade

suscetível de ser analisada de forma conjunta, tornando comparáveis as experiências nacionais latino-americanas. A produção da CEPAL também foi uma fonte de informação de maior grandeza na América Latina, de dados econômicos e sociais atualizados sobre a região, que respaldaram a percepção de regularidades básicas nos processos históricos nacionais. O feito significativo que Di Filippo chama atenção foi a ideia de Centro-Periferia que outorgou identidade a região latino-americana. Além do mais, Di Filippo assinala a composição de uma linguagem própria que cunhou expressões e categorias fundamentais na interpretação da história regional de uma maneira comparável, em que as experiências nacionais puderam ser mensuráveis e equivalentes, ou seja, pensadas em conjunto na região.

Ricardo Bielschowsky (2000b) identificou as fases vivenciadas pela instituição, sendo a primeira delas o momento fundacional do estruturalismo latino-americano, que corresponde ao período de 1948 até 1960. O eixo de argumentação deste primeiro momento teve foco estritamente econômico, fase de consolidação de uma interpretação sobre o subdesenvolvimento que definiu um perfil para esta Escola e legou uma tradição de análise. A segunda fase da CEPAL, como aponta Bielschowsky (2000b), foi inaugurada nos anos de 1960 e está marcada pela questão dos “obstáculos” sociais e políticos ao desenvolvimento. Este novo momento histórico da instituição representa a expansão das análises sociológicas e a elaboração da teoria da dependência, período que se estende até o fim do Governo Salvador Allende, no Chile, em 1973, e marca o início da ditadura chilena, processo que interrompe a presença de intelectuais.

Apontamos que dentre os intelectuais da ELD presentes desde a década de 1950, que significa a primeira geração de cepalinos, destacamos dois que influenciaram fortemente esta Escola e possuem interpretações singulares sobre o subdesenvolvimento: Celso Furtado e José Medina Echavarría. Os pensamentos destes dois autores foram fundamentais nas duas primeiras fases da ELD. Suas análises representam, em diferentes momentos, a consolidação das teses do estruturalismo latino-americano e os momentos de ruptura (teórica e prática) desta corrente de pensamento.

No pensamento cepalino, da considerada primeira geração desta instituição (Bielschowsky, 2000), do período entre 1948 e 1960, apontamos o argumento que somente o economista brasileiro Celso Furtado (1920-2004) e o sociólogo espanhol José Medina Echavarría (1903-1977) realizaram contribuições significativas na consideração de aspectos políticos e sociais enquanto variáveis fundamentais da teoria do desenvolvimento. A formação da “civilização industrial” nos países latino-americanos, os processos de modernização via nacional-desenvolvimentismo, foram processos cuja interpretação se deu inicialmente no campo econômico (Raúl Prebisch, 1949). As variáveis não-econômicas, os aspectos do poder político, da formação do Estado-Nação, da ação das elites, da intelligentsia, a burocracia, a

relação entre classes sociais, e os trabalhadores, representam temáticas que foram centrais somente em Furtado e Echavarría da primeira geração.

Furtado e Medina Echavarría possuem produções concorrentes do ponto de vista intelectual da ELD. Ambos abraçam causas comuns ao estruturalismo, porém com interpretações em direções distintas. Por que compará-los? A motivação inicial dessa pesquisa é: como autores que partem de campos de pesquisa e trajetórias tão diferentes chegaram a uma agenda convergente de debate, que é o tema da democracia e o lugar central da política no subdesenvolvimento? Esse questionamento é significativo porque entre os intelectuais presentes desde a primeira geração da CEPAL, os temas da política e da democracia não possuem centralidade nas outras análises da ELD. Os nossos dois autores, cada qual a sua maneira, representam uma inovação teórica para a ELD através da colocação de temas político-sociais do desenvolvimento, elementos que desejamos aqui demonstrar a partir da comparação do pensamento destes intelectuais.

A guinada para a observação destes novos aspectos como as estruturas sociais e de poder político, na segunda fase da CEPAL na década de 1960, contém a forte presença das interpretações de Furtado e Medina Echavarría. A composição da agenda de debate sobre os obstáculos político-sociais ao desenvolvimento, que tanto impactou a produção da teoria da dependência, assim como a direção das atividades da CEPAL e seus projetos de planificação, são elementos que estão envolvidos com as interpretações destes autores.

A teoria do desenvolvimento de fundação do pensamento cepalino, quanto a primeira geração, buscou o eixo econômico de interpretação. Agora buscamos apontar como Furtado e Medina Echavarría assinalam novas bases de interpretação político-social dentro da Escola Latino-americana do Desenvolvimento. H. G. Romo (2007) ao analisar a concepção de desenvolvimento de Furtado, aponta o aspecto multidimensional do subdesenvolvimento cepalino:

Así, el desarrollo no es sólo acumulación de capital sino también incorporación de progreso técnico, lo que depende de la estructura de clases, la organización política y el sistema institucional. Dicho de otra manera, el estudio del desarrollo se sitúa en el cruce de tres teorías: la de la acumulación, la de la estratificación social y la del poder. En estas condiciones, para Furtado la tarea de los economistas latinoamericanos era “construir un marco conceptual que permita aprehender la realidad social en sus múltiples dimensiones”. Es decir, se trataba de construir un análisis pluridisciplinario estructural del desarrollo (incorporando la sociología y la ciencia política) y no un simple análisis económico del desarrollo. A esta tarea se consagró junto con otros grandes economistas latinoamericanos, entre ellos Raúl Prebisch. (ROMO, 2007, p. 297)

O núcleo da ideia de subdesenvolvimento de característica “pluridisciplinar”, conforme afirma Romo, comporta uma teoria da acumulação, da estratificação social e do poder, e essas são perspectivas que podem ser percebidas nas análises dos dois intelectuais. Até então, não

podemos identificar estes elementos no estruturalismo cepalino a não ser nos nossos dois autores. O conceito Centro-Periferia foi investigado por Furtado e Medina Echavarría a partir do deslocamento das trajetórias históricas da Periferia; ambos não concentraram somente na teoria da acumulação para analisar, apesar de Furtado ter apresentado uma análise própria para a economia brasileira. O subdesenvolvimento foi posicionado em Medina Echavarría, e também em Furtado, através das características da formação social, dos Estados nacionais, da ação das elites, elementos que comportam uma perspectiva da mudança social e política do subdesenvolvimento.

Furtado afirma em *Teoria e política do desenvolvimento econômico* (1986) que a principal contribuição do estruturalismo cepalino foi a busca por identificar os parâmetros não-econômicos dos modelos macroeconômicos. A este respeito Furtado considera:

O que se entende por pensamento “estruturalista” em economia não tem relação direta com a escola estruturalista francesa, cuja orientação geral tem sido privilegiar o eixo das sincronias na análise social e estabelecer uma “sintaxe” das disparidades nas organizações sociais. O estruturalismo econômico (a escola de pensamento surgida na primeira metade dos anos 50 entre economistas latino-americanos) teve como objetivo principal pôr em evidência a importância dos “parâmetros não-econômicos” dos modelos macroeconômicos”. Como o comportamento das variáveis econômicas depende em grande medida desses parâmetros, e a natureza dos mesmos pode modificar-se significativamente em fases de rápida mudança social, ou quando se amplia o horizonte temporal da análise, os mesmos devem ser objeto de metucioso estudo. Essa observação é particularmente pertinente com respeito a sistemas econômicos heterogêneos, social e tecnologicamente, como é o caso das economias subdesenvolvidas. (FURTADO, 1986, p. 72).

Medina Echavarría foi o principal expoente de uma perspectiva sociológica e política da primeira geração de cepalinos, responsável por organizar um campo de pesquisa e de ação política condicionada por fatores ligados a temas como a estratificação e a mobilidade social, as estruturas políticas e a democracia, ou seja, os aspectos sociais e políticos do desenvolvimento. Furtado foi um dos principais economistas cepalinos que incorporou estas diversas dimensões, o que permite o diálogo com Medina Echavarría. Furtado assinala os possíveis lugares na análise econômica, realizada também por ele e pelos estruturalistas, destes parâmetros não-econômicos:

Com efeito, sem um conhecimento adequado da estrutura agrária não seria possível entender a rigidez da oferta de alimentos em certas economias; sem uma análise do sistema de decisões (cujo controle pode estar em mãos de grupos estrangeiros) não seria fácil entender a orientação das inovações técnicas; sem a identificação do dualismo estrutural não seria fácil explicar a tendência à concentração da renda etc. Como esses fatores “não-econômicos” – regime de propriedade da terra, controle das empresas por grupos estrangeiros, existência de uma parte da população “fora” da economia de mercado – integram a matriz estrutural do modelo com que trabalha o economista, aqueles que deram ênfase especial ao estudo de tais

parâmetros foram chamados de “estruturalistas”. Em um certo sentido, o trabalho desses economistas aproxima-se do daqueles outros preocupados em dinamizar os modelos econômicos. Em um e outro casos, tem-se em vista transformar constantes em variáveis, o que permite alcançar um nível mais alto de generalidade no esforço de teorização. Considerado o problema sobre outro aspecto, os estruturalistas retomaram a tradição do pensamento marxista, na medida em que este último colocou em primeiro plano a análise das estruturas sociais como meio para compreender o comportamento das variáveis econômicas. (FURTADO, 1986, p. 72-73)

Os desequilíbrios internos e externos, a expansão demográfica, o impacto da renda sobre o conjunto da população, são considerações fundamentais no modelo de Furtado, e que levam em conta as estruturas sociais da Periferia. As teorias de fundação do estruturalismo cepalino foram postas a prova pela crítica dos próprios cepalinos e de todos os campos do conhecimento, possibilitando identificar um deslocamento entre as temáticas fortemente econômicas para as análises sociais e políticas.

Furtado no texto “Conhecimento econômico da América Latina” publicado em *Prefácio à nova economia política* (1977 [1976]) identifica no pensamento da CEPAL uma mudança na visão global da realidade social, que privilegiou a ideia de transformação para o “desenvolvimento global”. O estruturalismo para o autor teve o feito de abandonar a ideia de desenvolvimento como crescimento econômico – diferentemente da teoria realizada no centro do capitalismo, cf. Furtado (1977, p. 126). Tal característica levou naturalmente, nas palavras do autor, ao “(...) enfoque interdisciplinar, rompendo a barreira entre o econômico, o social, o político. Não é de admirar, portanto que aos primeiros trabalhos teóricos dos economistas hajam sucedido importantes contribuições dos sociólogos e cientistas políticos” (FURTADO, 1977, p. 126-127).

A investigação do desenvolvimento latino-americano a partir de perspectivas multidimensionais, ampliando os campos de análise, foi uma guinada do início da década de 1960. O impacto das análises político-sociais sobre as teorias do desenvolvimento, foi resultado dos processos históricos e das reflexões sobre a modernização na América Latina decorrentes do período. Os debates em torno da CEPAL que aqui nos preocupa marcam este direcionamento. Afirmamos que as interpretações de Furtado e Medina Echavarría, bem como a ação destes autores na organização do campo de pesquisa sobre o desenvolvimento, foram centrais na ampliação do escopo de análise do subdesenvolvimento.

A amplitude dos campos de pesquisa para as áreas das ciências sociais, a sociologia e a política principalmente, teve forte impacto na teoria do desenvolvimento da CEPAL. Medina Echavarría se diferencia de Furtado, pelo papel de consolidação da sociologia do desenvolvimento latino-americano – ou da sociologia da modernização. Medina Echavarría foi incorporado à CEPAL em 1952, trabalhando inicialmente como corretor de edições. Entre 1955 e 1958, Medina Echavarría apresenta quatro trabalhos fundamentais de análise

sociológica do desenvolvimento nos quais, segundo Martín, “encontramos motivos empíricos más que suficientes para poder afirmar que estamos ante un momento de creación teórica y epistemológica” (MARTÍN, 2012, p. 502). - portanto, se trata de um momento de fundação do campo sociológico ligado à modernização. No trabalho “Las condiciones sociales del desarrollo económico” (MEDINA ECHAVARRÍA 1959 [1955]), apresentado no Sexto Período de Sesiones de la CEPAL, em Bogotá, Colômbia, o autor apresenta novas necessidades fundamentais na investigação da teoria do desenvolvimento. A pesquisa social é apresentada por oferecer novas possibilidades diante de problemas cujas análises econômicas não dariam conta, que extrapolam “las fronteras de la preocupación habitual del economista y de sus instrumentos conceptuales”. Medina Echavarría afirma:

Quando en nuestro razonamiento hipotético se ha llegado a la necesidad de investigar la conducta efectiva de los distintos grupos de hombres del determinado país, sujetos insustituibles de su actividad económica, se ha estado aludiendo a la presencia de motivaciones adversas ¿Qué motivos han tenido estos distintos hombres para no hacer lo que de ellos se esperaba? (...) Los motivos, las actividades y las creencias que mueven a los hombres no se dan en el vacío, sino como exigencias de definidos usos e instituciones. El análisis de los motivos lleva de modo necesario al análisis de una estructura social y ésta es ya una cuestión notoriamente próxima a las preocupaciones y formación corriente del economista. (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959, p. 35)

Medina Echavarría qualifica então a natureza desta ciência social ao investigar o desenvolvimento:

Ahora bien, entre los principios generales de la ciencia social contemporánea apenas nadie niega su reconocimiento a estos dos fundamentales: primero, que estructura social y carácter – como hoy se dice – se corresponden estrechamente, siendo el uno correlato del otro; segundo, que la estructura social es un complejo de intituciones que no puede alterarse sin modificaciones paralelas y más o menos profundas en todas ellas. Esto quiere decir que cuando el economista tropieza con manifestaciones de conducta que no corresponden a sus supuestos y exigencias, es que está ante un carácter – un sistemas de actitude y motivos – que fue moldeado por una estructura distinta de la que él pretende y necesita. Y que cuando, por la aspiración del desarrollo, trata de introducir en un país los instrumentos necesarios para su crecimiento económico, lo que hace es insertar factores de cambio en una institución que sólo pueden operar con éxito completo si los demás componentes de la estructura social se modifican en una dirección paralela. (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959, p. 35)

O autor demonstra que mudanças estruturais em sociedades pouco desenvolvidas somente ocorreram com transformação da estrutura social e de suas instituições. Pensar o desenvolvimento somente é possível se em conjunto com seus aspectos sociais. Portanto, os modelos e conceitos do universo econômico da teoria do desenvolvimento são conjugados com análises das estruturas sociais latino-americanas. A identificação e conceituação das estruturas sociais compõem a identificação dos problemas ao crescimento e das políticas de



desenvolvimento. No trabalho “El papel del sociólogo en las tareas del desarrollo económico” (1959 [1958], p. 19), Medina Echavarría apresenta as possibilidades de ação da sociologia concreta para o desenvolvimento: a sociologia poderia trabalhar para a construção de modelos, como os economistas, ou examinar as consequências sociais dos distintos ritmos de desenvolvimento. O autor aponta, seguindo de perto as análises de B. F. Hoselitz, a necessidade de se construir além de modelos gerais, também tipologias sociológicas que abarquem as “diferentes unidades históricas”, incorporando a variedade de experiências dos países em vias de desenvolvimento. O desenvolvimento, para Medina Echavarría (1959, p. 15), é uma “consciência generalizada” diante de seu “caráter necessário”, uma tendência mundial do seu tempo. A tarefa dos modelos e tipologias, tanto da economia quanto da sociologia, era perceber as regularidades marcadas historicamente. O autor se restringe à área da sociologia e afirma:

(...) La tipología que aquí se postula desde la perspectiva del sociólogo, consistiría en tratar de proyectar las distintas posibilidades del desarrollo sobre la base de determinadas estructuras sociales típicas y a partir de sus distintos niveles históricos bien definidos. (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959, p. 26)

Como desempenhar a tarefa de identificar as possibilidades de desenvolvimento periférico a partir de estruturas sociais típicas e historicamente condicionadas? Em termos práticos, Medina Echavarría cumpriu um papel ímpar em tal tarefa; foi o primeiro diretor da “División de Asuntos Sociales” da CEPAL, importante órgão de produção de conhecimento e de políticas para o desenvolvimento. A vinculação de Medina Echavarría com a temática do desenvolvimento nesta divisão deu projeção internacional a este sociólogo. Dois fatos marcam esta projeção de Medina Echavarría na CEPAL e no cenário internacional. Primeiro, este autor foi um dos responsáveis pela coordenação do grupo de trabalho reunido na “Conferencia sobre Aspectos Sociales del Desarrollo Económico de América Latina” , em México D.F., entre 12 e 21 de dezembro de 1960, que demonstra a força da sociologia concreta sobre as análises do desenvolvimento (MARTÍN, 2012, p. 459). Deste grupo de trabalho, resultou na publicação dos dois volumes intitulado Aspectos sociales del desarrollo económico en América Latina (MEDINA ECHAVARRÍA, VRIES, 1962; MEDINA ECHAVARRÍA, HIGGINS, 1963), edição dirigida por Medina Echavarría e Egbert De Vries. Segundo, Medina Echavarría coordenou o primeiro diagnóstico dos fatores sociais do desenvolvimento produzido em nome da CEPAL, intitulado El desarrollo social de América Latina en la post-guerra (CEPAL, 1963). Este último estudo foi preparado em colaboração com Luis Ratinoff e Enzo Falleto, sendo apresentado no Décimo Período de Sesiones de la CEPAL, em 1963, Mar del Plata.

O Décimo Período de Sesiones representou uma importante guinada nas interpretações cepalinas. O livro de Medina Echavarría, *Consideraciones sociológicas sobre el desarrollo económico de América Latina* (1964), resulta de um “Documento de trabajo fechado el 10 de febrero de 1963 y presentado en el Décimo período de sesiones de la CEPAL, Mar del Plata, Argentina, mayo de 1963, 165 p. [E/CN. 12/646]”. A obra de referência de Medina Echavarría (*Consideraciones sociológicas sobre el desarrollo económico de América Latina*, 1964), central na sociologia do desenvolvimento do autor, refere-se a um posicionamento dele nestas sessões. O Décimo Período marcou a saída de R. Prebisch da direção da instituição e sua subsequente missão na direção do ILPES. Os debates das sessões da CEPAL daquele ano de 1963 foram marcados pela reflexão dos rumos desta instituição (cf. Furtado, 1988), e o peso do desenvolvimento social foi sobressalente, modificando os rumos da instituição. O documento produzido sob a direção de Medina Echavarría foi recebido com profundo impacto entre os cepalinos e demonstram a importância estratégica que tinha a defesa da investigação social.

O enfrentamento constante de Medina Echavarría com os métodos de análise de base econômica abarca uma recepção da sociologia na perspectiva do planejamento, e o dualismo foi um dos principais conceitos a ser ressignificado pelo sociólogo. O trabalho *Consideraciones sociológicas sobre el desarrollo económico de América Latina* (1964) de Medina Echavarría veio a público no mesmo ano (1963) que Medina Echavarría assumiu a direção da División de Planificación Social, fase de consolidação de sua sociologia do desenvolvimento, onde se constrói no recém-criado ILPES um programa de pesquisa latino-americano, sob a direção de Raúl Prebisch, que deixava a direção da CEPAL para assumir o instituto. Em torno do trabalho desta divisão está a origem de uma nova geração de intelectuais da CEPAL, como Enzo Faletto, Osvaldo Sunkel, Fernando H. Cardoso, Vilmar Faria, Pedro Paz, José Serra, Francisco Weffort, Hélio Jaguaribe, José Luís Reyna, Rolando Franco, Adolfo Gurrieri, Marshall Wolfe, Aldo Solari e Rolando Franco. Encontra-se também aí os elementos formadores da sociologia do desenvolvimento, lugar de produção da teoria da dependência de enorme impacto na região .

Martín (2012) relacionou a posição ocupada por Medina Echavarría e a seu trabalho intelectual, no que diz a respeito:

José Medina asumió la dirección de aquella nueva División de Planificación Social el 30 de noviembre de 1963. En aquel cargo directivo permaneció hasta el 30 de junio de 1974, fecha de su retiro (Gurrieri, 1980, p. 135). Aquel nombramiento significó varias cosas: supuso la institucionalización de la sociología – y de su enfoque histórico-estructural-; y, desde lo biográfico, personificó asimismo el inicio de una de las etapas de mayor actividad y prestigio de nuestro autor. Lo que hoy es un trabajo común en la CEPAL y en el ILPES tuvo su origen, de modo alguno, en las distintas aportaciones y recomendaciones que presentó el sociólogo español. Pero como decíamos, el reconocimiento de la sociología también era una especie de

reconocimiento hacia Medina y hacia el significado que su figura intelectual iba adquiriendo en aquella burocracia. Ya desde sus primeros trabajos desarrollistas se advierte que para él el trabajo del sociólogo –como intelectual- era un trabajo serio y reposado y más aún si se hablaba del desarrollo económico. (MARTÍN, 2012, p. 595-596).

Furtado (1989) ao analisar em sua autobiografia as sessões de Mar del Plata, no qual esteve presente quando era Ministro do Planejamento do governo de João Goulart, publicou o discurso que ele próprio realizou no encerramento das sessões. Podemos verificar através do discurso de Furtado a mudança dos rumos da instituição que marcadas naquele ano de 1963, voltando-se para a integração regional. A perspectiva do documento *El desarrollo social de América Latina en la post-guerra*, além de incorporar os aspectos sociais, amplia a análise para as diversas regiões da América Latina, modificando a tendência dos documentos anteriores, que centralizavam grande parte das análises na Argentina, Chile, Brasil e México. Furtado afirma:

Havendo detectado as razões da crise (do pós-guerra), aplicou-se a Cepal na preparação dos instrumentos sem os quais não nos teria sido possível atuar eficazmente e abrir novos caminhos. Preparar esses instrumentos significou destruir dogmas que prevaleciam na região, tais a ilusão do desenvolvimento espontâneo e a mística da estabilidade. Havendo crescido, em uma primeira fase, sob o impulso de correntes de comércio exterior, os latino-americanos se habituaram a pensar no desenvolvimento como algo que ocorria independentemente de suas vontades. Graças à CEPAL, descortinou-se a nova visão do desenvolvimento, fruto da vontade política. Também a ela devemos a visão de estabilidade como um meio, que se legitima na medida em que permite lograr maior racionalidade nos processos econômicos. (...) Temos hoje uma percepção de nossa realidade e dispomos dos instrumentos para atuar sobre ela. (...) Não cabe dúvida, a julgar pelos debates que agora encerramos, que o novo ciclo de atividades da CEPAL focalizará, de preferência, o processo de integração regional. Seus novos estudos, para que tenham a eficácia que alcançaram os do passado, deverão ter como referência básica a ideia de que seremos uma economia multinacional, ou não venceremos a barreira do subdesenvolvimento. (FURTADO, 1997c, pp. 257).

As questões fundamentais para este desenvolvimento do ponto de vista social, Medina aponta, é analisar “las condiciones sociales del desarrollo económico y los efectos sociales de ese mismo desarrollo” (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959, p. 44). Entre as duas possibilidades de investigação, Medina Echavarría apresenta seu programa weberiano de interpretação do subdesenvolvimento, que marcou a direção dos seus primeiros trabalhos no ILPES em torno da questão do empresário e das elites na América Latina. O autor afirma:

Todo lo que, con distintos giros, se dijo acerca de la actividad económica en sus relaciones con los caracteres y motivaciones humanos y con los usos, tradiciones y vigencias de una sociedad, equivalía a plantear en forma inversa, y a veces puramente descriptiva, el tema que hizo clásico la investigación weberiana con referencia al capitalismo. ¿Cuáles son las condiciones sociales que hacen posible el funcionamiento de este sistema? Reiterar la misma pregunta desde el punto de vista del desarrollo económico

de nuestros días supone una tradición de rigurosa precisión conceptual. (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959, p. 44-45)

Estas condições sociais questionadas por Medina Echavarría, que operam no sistema do capitalismo subdesenvolvido, significava uma tarefa para uma geração. Furtado, entre os economistas cepalinos da primeira geração, foi dos poucos que apontou a interdependência entre os fatores político-sociais e os econômicos, e a relação determinantes entre a democracia e o desenvolvimento. Das temáticas envolvidas nesta amplitude do conceito de desenvolvimento identificamos: a mobilidade social, a estrutura e estratificação social, a estrutura de emprego, a educação, a habitação, a tensão campo-cidade, os processos de urbanização, a estrutura agrária, as relações de poder, a democracia, a liberdade, as elites e os empresários e o poder popular.

As ciências sociais ganharam espaço no debate sobre o desenvolvimento também a partir da sua institucionalização na América Latina. Os centros de pesquisa em ciências sociais nas universidades latino-americanas possibilitaram a formação de muitos dos quadros que ocuparam as divisões da CEPAL e do ILPES. Apontamos também que os temas ligados às reformas político-sociais foram fortalecidos entre as décadas de 1950 e 1960, por fatores históricos. Os governos dos presidentes Eduardo Frei (1964-1970), no Chile, e de João Goulart (1961-1964), no Brasil, contaram com a presença de intelectuais do establishment cepalino, Jorge Ahumada e Furtado respectivamente. A Revolução Cubana também arregimentou o economista mexicano da primeira geração cepalina, Juan Noyola Vázquez. A urgência das reformas sociais na América Latina e os golpes subsequentes marcaram o destino dos problemas do subdesenvolvimento.

### **Política e planejamento na CEPAL**

A década de 1950 é a do reconhecimento do subdesenvolvimento: como chegamos a ser o que somos? Essa foi a pergunta inicial da primeira geração de cepalinos. Das possibilidades de se responder a essa pergunta, há algumas convergências entre as interpretações do estruturalismo cepalino que já foram abordadas: o desenvolvimento é um processo que deve ser compreendido historicamente, em termos latino-americanos; o desenvolvimento é processo integral, há compreensão de determinada unidade complexa que comporta a ideia de desenvolvimento. Furtado e Medina Echavarría se empenharam no debate (a respeito) e na construção de modelos, tipologias, como formas de conhecer as “estruturas” específicas da periferia latino-americana. Modelos e tipologias como um “passo seguro” do planejamento democrático, de ação do desenvolvimento econômico. O empreendimento da construção de modelos de desenvolvimento está associado à disputa pela consolidação das áreas da economia, por parte de Furtado, e das ciências sociais, por

Medina Echavarría. A defesa de um campo de investigação, a economia e as ciências sociais, tem a tarefa de pensar as estratégias do desenvolvimento.

O empenho dessas ciências em estabelecer estratégias de planejamento tem ritmos muito diferentes nas obras de Furtado e Medina Echavarría, sendo em Furtado mais pragmático, com vínculos diretos, em que sua teoria da demanda estava ligada a intervenção sobre a distribuição de renda e do acesso ao consumo para a transformação dos desequilíbrios nas estruturais sociais. Medina Echavarría identifica como tarefa das ciências sociais a compreensão de uma tipologia das relações sociais, e assim pensar a relação entre os aspectos sociais e políticos fundamentais ao desenvolvimento econômico; porém, reformas de estruturas, intervenção na estrutura social, são processos muito mais lentos de transformação, tem ritmos muito diferentes [talvez] em Medina Echavarría, daqueles apresentados por Furtado.

O debate a respeito da *construção de modelos e tipologias* do desenvolvimento na América Latina, nas obras de Furtado e Medina Echavarría, foi apresentado no *momento de afirmação* (1949-1959) da tese do subdesenvolvimento, em que os dois autores trabalharam ao mesmo tempo na CEPAL. Este debate passa pela caracterização do momento internacional de expansão e consolidação dos estudos do desenvolvimento na década de 1950, e, no caso latino-americano, está somado a institucionalização destas áreas na região (economia e ciências sociais), além de universidades e institutos de pesquisa capazes de responder às necessidades destes estudos do desenvolvimento.

A construção de modelos da periferia se apresenta de modo diverso em cada um dos autores, porém há determinada convergência analítica. O modelo econômico de Furtado está imbricado ao debate da década de 1950 sobre o papel do economista latino-americano, fundamentando o lugar da *intelligentsia*, assim relacionando ciência e papel do economista nas tarefas do desenvolvimento. Medina Echavarría propõe um modelo social [ou sociológico] do desenvolvimento econômico, que se consolida na ideia de identificar as estruturas e a estratificação social, construindo uma tipologia social. Os resultados esperados desse primeiro passo é assinalar que ambos defendem um programa de investigação de cada área para a compreensão do modelo, e o fator político, do poder político, do papel do Estado, é preponderante em Furtado e em Medina Echavarría, caminhando no sentido de concordar com as afirmações de Cohn a respeito. Outro resultado, complementar ao primeiro, é que ambos os autores conectam “modelo”/“interpretação” à intervenção via políticas de desenvolvimento.

Desejamos agora apontar as proposições a respeito do modelo de desenvolvimento, de Furtado, e as “tipologias” da estrutura social, de Medina Echavarría, identificadas no contexto latino-americano. O modelo, para Furtado, é uma forma de generalização e não uma expressão da observação do mundo real. Furtado esclarece seu ponto de vista e afirma que

o economista trabalha com esquemas que representam simplificações da realidade na forma de generalizações. O problema que é caro ao economista está na confrontação do nível de generalização da análise realizada e o seu devido valor explicativo da realidade. Isto significa que generalizações na forma de esquemas não possuem valor universal, sendo este aspecto o que Furtado deseja ressaltar enquanto uma crítica à aplicação da economia neoclássica nos países subdesenvolvidos, como se esta última fosse a simples aplicação dos modelos da economia neoclássica no contexto da periferia. Esta percepção estaria presente desde a fase cepalina de Furtado (1949-1958), até sua ação política na SUDENE e como ministro do Planejamento. A interpretação histórica sempre conectada aos modelos econômicos foi um mecanismo de diferenciação teórica da ideologia cepalina, cujo historicismo era a base para qualquer constructo teórico de natureza endógena<sup>1</sup>. Furtado, no capítulo 1 de *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* (2009b [1954]), relaciona o modelo com a realidade histórica. Em que medida a teoria do desenvolvimento tem condições de oferecer um modelo da “realidade dada”? No momento que identifica tendências nas estruturas econômicas que possuam validade histórica e, deste modo, se tornem aptas ao planejamento.

No texto *A pré-revolução brasileira* (1962), nos capítulos 7, 8 e 9, Furtado posiciona algumas considerações fundamentais sobre a situação do economista e do pensamento econômico no subdesenvolvimento. O economista na periferia lida com duas debilidades fruto da sua formação, segundo afirma Furtado neste trabalho. Toda observação que o economista faz do mundo real é uma forma de saber “esquematizar”, “simplificar”, porém o economista no subdesenvolvimento se relaciona com modelos de tal simplificação que carece de “observação empírica” e do “desenvolvimento autônomo de técnicas de analisar”. A segunda debilidade se liga a anterior, pois Furtado constatava que as teorias econômicas então utilizadas nos países subdesenvolvidos eram formuladas para explicar “o comportamento de estruturas distintas da nossa”, ou seja, eram conceitos relacionados com as estruturas dos países centrais.

Estas debilidades que Furtado realça podem ser percebidas também como uma determinada *legitimação* do estruturalismo cepalino e das técnicas de planejamento, além da oposição à utilização da chamada “teoria do equilíbrio” da economia neoclássica. É a direção radical para o pensamento heterodoxo. O ponto interessante é que a tarefa central na formação do economista que Furtado resalta neste livro, evidencia a conexão entre o devir “científico” e o papel de prever do economista. No momento que Furtado expõe a relação entre os modelos específicos da realidade histórica que o economista constrói e a capacidade

---

<sup>1</sup> O historicismo não representa, evidentemente, uma inovação da CEPAL no campo econômico, mas caracteriza um *modus operandis* específico no fazer da teoria econômica do desenvolvimento proposta pelos cepalinos. A inovação estava em pensar os parâmetros de uma história periférica como natureza das relações econômicas, esse elemento que aqui atentamos.

de *previsão* destes modelos, fica evidente a pretensa *legitimação*, tanto do campo da teoria heterodoxa, bem como de criação de um método “sólido”, ligado ao próprio *projeto* de Furtado<sup>2</sup>. O autor afirma:

Saber observar metodicamente o mundo real, isto é, saber retirar da realidade, com os meios disponíveis, os elementos necessários à representação da mesma em termos econômicos é mais importante do que um refinado conhecimento dos mais sutis modelos escolásticos. Em segundo lugar, em razão do caráter histórico dos fenômenos econômicos, devemos ter sempre em conta que a validade de uma teoria é muito mais limitada, em Economia, do que em outras disciplinas científicas. Em ciência, poder explicar significa estar armado para prever. Em Economia, explica-se dez para poder prever um, e o que se logra prever é sempre o mais geral, isto é, aquilo que é comum a uma multiplicidade de fenômenos e, portanto, tem um caráter histórico limitado. Em outras palavras: aquilo que é mais específico de uma determinada realidade, é o que mais dificilmente pode ser previsto. Na medida em que o econômico se esvazia de seu conteúdo histórico e mais se aproxima de um protótipo abstrato, mais pode ser previsto. Seria, entretanto, ingênuo atribuir excessiva importância a essa previsão que se refere a uma realidade esvaziada de seus ingredientes mais específicos. (FURTADO, 1962, p. 98)

A “capacidade criadora” da ciência econômica está em apontar o que é mais específico na representação da realidade, e assim adquirir condições para a previsão como instrumento de intervenção no mundo real. O economista, segundo Furtado, tem uma dupla responsabilidade, pois necessita realizar sua atividade criadora, crítica da sociedade, o que no Brasil (e na América Latina) se soma a necessidade de construir o campo de pesquisa da ciência econômica, com a devida ampliação da pós-graduação e a extensão da formação do economista. O contato com um ambiente científico, no caso brasileiro, determinaria o nível que a política econômica pode alcançar, já que o desenvolvimento econômico poderia ser submetido à observação e a análise ordenada fruto da pesquisa científica.

Furtado aborda, principalmente nos textos até 1964, sobre o mecanismo da “tomada de consciência” por parte da *intelligentsia* em duas direções, que foram assinaladas em *A pré-revolução brasileira* (1962): não resta outra saída senão “auto dirigir-nos” e há a necessidade de injetar elementos de racionalidade nos instrumentos e nos “juízos de valor” das políticas de desenvolvimento. O debate a respeito dos *fins* e dos *meios* do desenvolvimento foi preocupação desde as formulações iniciais em torno do Nordeste, até os textos *A pré-revolução brasileira* (1962) e *Dialética do desenvolvimento* (1964).

Os temores expressos por Furtado em 1962 conferem vitalidade ao título, *A pré-revolução brasileira*, cujo medo era os conflitos sociais aprofundados paralelamente ao

---

<sup>2</sup> Furtado deixa de ocupar o cargo de superintendente da Sudene em 1962 e assumiu o Ministério do Planejamento, o ano da redação de *A pré-revolução brasileira*.

desenvolvimento industrial, desigualdades que poderiam instigar forças políticas e econômicas conservadoras em detrimento do processo de desenvolvimento que estava em pleno processo. Está perdido no meio do texto. Tem que ir lá para frente.

A pergunta que persegue os projetos de desenvolvimento e as intervenções que visam algum tipo de aceleração econômica é sobre o *custo social* deste desenvolvimento e quais são os grupos privilegiados e os que sofrem os malogros de tal processo. A pergunta realizada por diversas vezes – como Schumpeter, Mannheim, Bettelheim, Myrdall, Rostow, Prebisch, Baran, Arthur Lewis, Hirschmann – Furtado também se propõe a debater a partir da relação entre os *fins* e os *meios* de qualquer política econômica. Há uma comparação comum grande parte da literatura do desenvolvimento, principalmente estadunidense, que reside na percepção do desenvolvimento do modelo soviético como um exemplo de desenvolvimento material em detrimento da liberdade. Furtado também debate as impossibilidades, como os autores citados, do marxismo-leninismo no projeto desenvolvimentista. À comparação se soma a principal defesa de Furtado, do planejamento democrático como forma “superior” de desenvolvimento, modelo somente possível se fruto da ação de uma verdadeira *intelligentsia*. Esboçamos a comparação com o modelo marxista-leninista e a defesa do planejamento democrático.

A perspectiva ampliada de desenvolvimento de Furtado, que não significa somente um desenvolvimento material, mas do próprio homem, se relacionam com a concepção de que os fins do desenvolvimento não podem ser uma justificativa para a aplicação de *meios* que signifiquem a restrição da liberdade. Os *meios* de qualquer política no subdesenvolvimento devem sempre vislumbrar como fim a eliminação do caráter anti-humano do desenvolvimento. Furtado relaciona os *meios* de uma política econômica com a consciência política sobre os *fins* por parte daqueles que realizam a ação. Sobre o desenvolvimento como um fim, Furtado em *A pré-revolução brasileira* (1962), toma a democracia de um ponto de vista humanístico do desenvolvimento, expresso na possibilidade de domínio das forças que impelem a sociedade em determinadas direções. A “luta” pelo desenvolvimento (o “domínio do mundo exterior”) tem como *fim* as potencialidades do próprio homem. A crítica de Furtado converge para o modelo soviético, como um modelo que pode restringir a liberdade.

A afirmativa de Furtado está direcionada a uma defesa explícita do planejamento como forma superior de desenvolvimento e dos planejadores como grupo responsável pelo diagnóstico e elaboração dos *meios*. Como relacionar a construção de um modelo com os *meios* (o planejamento)? A força de Mannheim sobre o pensamento de Furtado pode ser organizada na divisão entre uma análise que separa níveis sincrônicos e diacrônicos, e permite conjugar um corte (analítico) vertical com o corte transversal. Cepêda (2012) chama a atenção para esta relação em Mannheim: o corte vertical é o conjunto das diversas manifestações de “estilos de pensamento” (representações ideológicas na construção de



identidades sociais) na forma de um desenho sincrônico, com um “princípio de ordenação” destas manifestações; o corte transversal são os diversos cortes verticais em um perfil dinâmico, de forma que permite verificar os elementos em *mudança*. No corte transversal (diacrônico), para Cepêda (2012), as partes se dividem em projetos de ação social, formados por diversos acordos políticos, interesses e valores. A substância destas mudanças sociais seriam as sínteses sociais presentes nas diversas ideologias. O intelectual está ligado a condições históricas e a determinado estilo de pensamento, mas isso não significa que sua ação seja um simples reflexo das posições dos grupos, pois este intelectual age a partir da ciência na construção de sínteses explicativas. A tarefa do intelectual, ressalta Cepêda, está na interpretação, na síntese social, pois representa a função social e transformadora da ciência por uma sociedade mais racional.

O intelectual não estaria acima das classes sociais para Furtado, seguindo Mannheim, mas entre as classes. O significado da síntese explicativa da *intelligentsia* está na tradução dos complexos sociais, dos valores, se trata de uma interpretação do mundo (Cepêda, 2012). O papel desta síntese? Associar o conhecimento racional – o entendimento dos complexos ideacionais – à responsabilidade sobre os processos políticos e sociais. Furtado (1972) afirmava a existência de uma ruptura entre um conhecimento científico e um conhecimento ideológico, e a técnica social que formulava o planejamento está unida ao conhecimento científico da realidade. Oliveira (2000) e Rezende (2004) argumentam que a própria relação entre o pensamento e a ação na forma das técnicas sociais, constitui uma posição ideológica de Furtado. Rezende (2004) e Cepêda (2014) esclarecem que o elemento utópico era também ideologia em Mannheim, que as forças que impulsionam a sociedade adiante poderiam ser interceptadas por racionalidades que concebiam a mudança.

Medina Echavarría, assim como Furtado, chega à via política do planejamento do desenvolvimento, porém assinala caminhos distintos para a tarefa dos sociólogos e cientistas sociais. O fato, para o autor espanhol, era a recorrente argumentação dos economistas, que apontavam como “obstáculos ao desenvolvimento” a permanência de fatores que estavam para além das fronteiras e dos instrumentos de análise do campo econômico, ou seja, os “obstáculos” não eram de natureza econômica, mas de natureza social, cultural e política. Medina Echavarría suscitava, desta maneira, a prerrogativa das ciências sociais como análise científica fundamental para atingir os objetivos de uma política de desenvolvimento. Aquilo que os economistas miravam como “obstáculos”, para Medina Echavarría, ensejava certa incapacidade destes especialistas de identificar elementos de natureza distinta da econômica, das quais não possuíam instrumentos analíticos. As metas econômicas de realização do desenvolvimento para obter êxito, mesmo quando há crescimento econômico, estão imbrincadas às estruturas político-sociais e culturais. Vejamos como Medina Echavarría apresenta o debate aqui colocado:

Supóngase, en efecto, que en un determinado país se ha llevado a cabo por algún tiempo una sostenida política de desarrollo, orientada en todos sus aspectos por un programa bien estudiado, y que esto no obstante el ritmo de crecimiento conseguido, no responda a las metas propuestas. ¿Dónde están las fallas? (Medina Echavarría, 1959c [1955]: p. 33-34)

O economista, segundo o autor, quando “tropeça” em atitudes, hábitos, aspirações que são diferentes daquelas estipuladas por suas metas, significa que o economista está diante de uma estrutura social distinta daquela que ele pretendia e necessitava em seus objetivos econômicos (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959c [1955]). Sem o conhecimento das outras estruturas o processo do desenvolvimento não terá eficácia. Assim o autor apresenta sua posição:

Quando el economista tropieza con manifestaciones de conducta que no corresponden a sus supuestos y exigencias, es que está ante un carácter – un sistema de actitudes y motivos – que fue moldeado por una estructura social distinta de la que él pretende y necesita. Y que cuando, por la aspiración al desarrollo, trata de introducir en un país los instrumentos necesarios para su crecimiento económico, lo que hace es insertar factores de cambio en una institución que sólo pueden operar con éxito completo si los demás componentes de la estructura social se modifican en una dirección paralela. (Medina Echavarría, 1959c [1955], p. 35)

Essa é a ideia de fundo da argumentação de Medina Echavarría: que as aspirações do desenvolvimento somente são atingidas se os instrumentos de mudanças inseridos em prol do desenvolvimento operarem por completo, ou seja, se os componentes de toda a estrutura social seguirem na mesma direção. A defesa é ainda inicial, e foi abalizada sobre características ainda de gênese da sociologia do desenvolvimento por parte Medina Echavarría. O próprio autor afirma no prólogo de 1973, que a utilização dos termos “aspectos sociais” neste trabalho de 1955 demonstra a timidez da argumentação, que detém cautela na tentativa de adentrar o “terreno fechado” (*coto cerrado*) dos economistas. Então se fala de “aspectos sociais” que compõem a temática do desenvolvimento econômico, quando o autor na verdade apresenta uma hipótese signatária da impossibilidade de as análises do desenvolvimento serem realizadas sem a abordagem sociológica.

Duas considerações importantes que marcam esse início da sociologia do desenvolvimento realizada por Medina Echavarría: uma em relação a defesa dos “aspectos sociais”, já assinalada, que se liga a outra, de que estes aspectos sociais (as estruturas sociais) são distintos daquelas sociedades interpretadas nas fases que precederam a formação da “civilização industrial” nos países avançados. As transformações econômicas em países em vias de industrialização não trazem a reboque um mesmo conjunto de valores, hábitos, tradições. As estruturas sociais e os processos culturais não são impactados pela “civilização industrial” da mesma forma no grupo de países “pouco desenvolvidos”, e o que se atenta é exatamente a necessidade de precisar a compreensão das estruturas sociais,

políticas e culturais destes países da periferia latino-americana no qual o planejamento do desenvolvimento prospecta atuar.

Há uma defesa do autor quanto ao papel que a CEPAL deveria assumir definitivamente na tarefa de realizar investigações desta dimensão social<sup>3</sup>. Assinalamos que ao defender a dimensão social, o desenvolvimento social, esta perspectiva não encerra, por parte do autor, uma conexão fundamental com as dimensões políticas e culturais, pelo contrário, como ficará evidente no seu programa para os estudos da área, há uma ligação entre estas dimensões. O que se afirma é a ideia de gênese da área, então apontar aspectos sociais fortalecem todo o campo ligado às ciências sociais. A defesa de um centro de investigação na Cepal que corresponda à estas perspectivas é o objetivo de Medina Echavarría que aparece pela primeira vez em seus trabalhos, e que ganha força somente em 1959 com a criação na Cepal da División de Asuntos Sociales.

Os apontamentos do autor convergem na construção de centros de pesquisas e do planejamento em sua versão ampliada, e entendemos que isso se trata de um posicionamento político de Medina Echavarría no processo de consolidação de uma sociologia do desenvolvimento na América Latina. Para tal feito, o autor (1959a, p. 44) apresenta o objetivo de um esforço futuro tanto de construção teórica e de planejamento, e, assim, estabeleceu as seguintes metas para execução de tal projeto: (a) a determinação dos temas fundamentais da área, sendo estes os fatores mais decisivos e importantes; (b) a “fixação de preferências” (*fijación de preferencias*), que significa o planejamento de investigações de acordo com as “urgências do momento” e os interesses “puro do saber”, correspondendo à pesquisas de curto e longo prazo; (c) a necessária unificação dos métodos de investigação, que sejam idênticos ou semelhantes nos diferentes países da região, permitindo assim a comparação dos resultados. As considerações apresentadas por Medina Echavarría têm caráter meramente inicial, de gênese da área.

O autor estabelece a definição de perguntas fundamentais ao desenvolvimento, das quais Medina Echavarría (1959c, p. 44) chama de duas grandes questões:

Sin duda alguna, estas dos: las condiciones sociales del desarrollo económico y los efectos sociales, de ese mismo desarrollo. Ambas, claramente distintas, delimitan con rigor el campo de la investigación y permiten, con esta primera ordenación, un punto de partida seguro.

---

<sup>3</sup> Medina Echavarría (1959a, p. 40) lembra que a ONU, em sua Sexta Assembleia Geral, em janeiro de 1952, aprova a resolução n. 521, intitulada “Desenvolvimento econômico integrado”. Essa resolução está assim definida: “Reconociendo la necesidad de hacer un estudio continuo y metódico de todos los aspectos del desarrollo económico en forma integral y sistemática, con objeto de alcanzar una mejor orientación de los esfuerzos y recursos consagrados al fomento del desarrollo económico de las regiones y los países insuficientemente desarrollados” (ONU 1952, p. 22), e após realizar este reconhecimento, a resolução indica ao Conselho Econômico e Social do organismo a importância de fomentar um programa de desenvolvimento que vise a industrialização dos países “insuficientemente desenvolvidos”.

As duas questões, a respeito das condições sociais do desenvolvimento econômico, e os efeitos sociais desse desenvolvimento, impõem a interdependência das condições sociais para qualquer análise do desenvolvimento e, principalmente, na planificação econômica.

A ideia contida em “condições sociais” tem dimensão ampliada, e está relacionada diretamente com as estruturas políticas. Estas estruturas estão representadas nas perguntas feitas pelo autor, como observamos a seguir, sobre a existência ou não de instituições políticas na direção da política de desenvolvimento, e, o que há de mais considerável, os diversos grupos sociais relacionados ao poder político, das quais estas políticas de desenvolvimento se possibilitam: os que executariam o comando político destas instituições, que seriam especificamente as elites dirigentes, a burguesia nacional, o empresariado industrial; bem como os grupos sociais dos trabalhadores urbanos, rurais, da classe média; e o papel da burocracia, da administração pública e dos intelectuais na elaboração, execução e avaliação do planejamento.

Os “fatores político-sociais” são os mais importantes para uma investigação concreta da realidade latino-americana, segundo o autor, se trata de elementos que intervêm sobre o desenvolvimento econômico. De todo o programa de investigação<sup>4</sup> proposto por Medina Echavarría (1959a, p. 47-68), ressaltamos aqueles pontos vinculados à perspectiva política, principalmente o que se refere as políticas de desenvolvimento, que aqui nos interessa. Este programa pode ser identificado ao longo dos trabalhos que Medina Echavarría realizou, os que coordenou, e aqueles realizados baixo sua direção na División de Asuntos Sociales e, posteriormente, no ILPES.

Construir uma tipologia das estruturas sociais nas sociedades latino-americanas é o primeiro objetivo do programa. As perguntas fundamentais da dimensão política do desenvolvimento, que vão permanecer por toda uma geração de sociólogos e economistas na CEPAL e no ILPES, aparecem de maneira inicial neste programa<sup>5</sup>. No capítulo 2, “A perspectiva sociológica e a tipologia analítica”, a afirmação é fundamental enquanto consolidação da sociologia do desenvolvimento: “El desarrollo económico no es más, como ya se ha dicho, que un fenómeno de cambio social” (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959c, p. 50). As interrogações fundamentais da mudança social apresentadas pelo autor são as seguintes:

---

<sup>4</sup> A proposta do autor, intitulada de “Programa Preliminar”, está dividida em nove capítulos e dois de Apêndice, cujos temas gerais destes capítulos são: 1. O conceito total de desenvolvimento; 2. A perspectiva sociológica e a tipologia analítica; 3. O fator demográfico; 4. Estruturas sociais concretas; 5. Condições culturais; 6. O empresário; 7. A mão de obra; 8. Função do Estado; 9. Política e desenvolvimento; Apêndice: 10. Efeitos previsíveis do desenvolvimento econômico; 11. A conjuntura histórica.

<sup>5</sup> Apontamos três trabalhos de cevalinos, que se tornaram clássicos da ELD, que tinham o propósito de enunciar e caracterizar especificamente estas perguntas. Foram publicados na primeira edição da *Revista de la CEPAL*, e valem a referência, sendo estes: Aníbal Pinto (1976), “Notas sobre los estilos de desarrollo en América Latina”; Marshall Wolfe, “Enfoques del desarrollo: ¿De quién y hacia qué?”; Jorge Graciarena, “Poder y estilos de desarrollo: una perspectiva heterodoxa”. Destes textos, os de Pinto e Graciarena compõem a edição organizada por Bielschowsky (2000a), *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*, volume II.

¿Qué es lo que cambia? ¿Cómo cambia? ¿En qué dirección lo hace? ¿Con qué ritmo? ¿Cuál es su desarrollo causal? Estas preguntas valen, naturalmente, cualquiera que sea el fenómeno y formación de que se trate. Cuando se trata de países en desarrollo económico, ¿qué es lo que cambia en definitiva? ¿Cuál es la naturaleza de esa mudanza? (MEDINA ECHAVARRÍA, 1959c, p. 50)

Perguntas de fundamentação de um campo de pesquisa. Avaliar a natureza da mudança social, a sua direção e os seus efeitos, possibilitam duas ordens de compreensão. O primeiro fator é a estrutura social, e, em específico, a estratificação social, como elementos “concretos” de impacto nas políticas desenvolvimentistas. As finalidades da política de desenvolvimento econômico somente podem ser estabelecidas de acordo com as modalidades da estrutura social, da estratificação social, gerando efeitos distintos que correspondem à estas estruturas. Realizar uma tipologia da estrutura social, equivale à um intento maior da sociologia para o desenvolvimento econômico. O segundo fator é a responsabilidade política dos intelectuais, no caso, os sociólogos, na compreensão desta tipologia para poder incidir sobre as próprias políticas de desenvolvimento e no diagnóstico sobre os possíveis efeitos diante da política implementada.

Dessa maneira apresentamos as duas possibilidades de comparação do pensamento de Furtado e Medina Echavarría na ampliação da teoria do desenvolvimento da Escola Latino-Americana do Desenvolvimento para uma perspectiva político-social, e, em outro sentido, na relação da política com a teoria do desenvolvimento, buscando assinalar os destinos em comum da defesa do planejamento democrático.

### Referências bibliográficas

BIELSCHOWSKY, R. (Org.) Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Rio de Janeiro: CEPAL: COFECON: Record, 2000a. 997 p. 2 v.

\_\_\_\_\_. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Uma resenha. In: \_\_\_\_\_. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: CEPAL: COFECON: Record, 2000b. p. 13-68.

BRANDÃO, G. M. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Hucitec, 2007.

CARDOSO, F. H. La originalidad de la copia: la CEPAL y la idea de desarrollo. **Revista de la CEPAL**. Santiago, n. 4, p. 7-40, 1977a.

CEPAL O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas [Manifesto Latino-Americano]. In: GURRIERI, A. (Org.) **O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2011, p. 95-151.

CEPÊDA, V. A. Entre a economia e a política. Os conceitos de periferia e democracia no desenvolvimentismo de Celso Furtado. **Revista Sinais Sociais**, n. 19. Rio de Janeiro: SESC Nacional, 2012. p. 88-119.

DI FILIPPO, A. La Escuela Latinoamericana del Desarrollo: tensiones epistemológicas de movimiento fundacional. **Cinta de Moebio**. Santiago, n. 29, p. 124-154, 2007.

FURTADO, C. **A economia brasileira**. Rio de Janeiro: A Noite, 1954a. 251 p.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas da economia brasileira.** Rio de Janeiro: ISEB, 1958. 81 p. (Textos Brasileiros de Economia, 3).

\_\_\_\_\_. **Operação Nordeste.** Rio de Janeiro: ISEB, 1959. 78 p. (Textos Brasileiros de Economia, 5).

\_\_\_\_\_. **A pré-revolução brasileira.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962a. 119 p. (Coleção Perspectivas do Nosso Tempo).

\_\_\_\_\_. **Dialética do desenvolvimento.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. 183 p. (Coleção Perspectivas do Nosso Tempo).

\_\_\_\_\_. **Prefácio a nova economia política.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 137 p. (Coleção O Mundo, Hoje, 15).

\_\_\_\_\_. **Teoria e política do desenvolvimento econômico.** 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1986. 243 p. (Coleção Os Economistas).

\_\_\_\_\_. A fantasia desfeita. In: \_\_\_\_\_. **Obra autobiográfica de Celso Furtado.** Organização de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Paz e Terra, 1997. v. 2. p. 27-306.

MEDINA ECHAVARRÍA, J. **Sociología: teoría y técnica.** México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1946. 196 p.

\_\_\_\_\_. **Aspectos sociales del desarrollo económico.** Santiago: Editorial Andrés Bello, 1959a. 129 p. (Cuadernos de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Escuela Latinoamericana de Sociología).

\_\_\_\_\_. El papel del sociólogo en las tareas del desarrollo económico. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos sociales del desarrollo económico.** Santiago: Editorial Andrés Bello, 1959b. p. 13-31.

\_\_\_\_\_. Las condiciones sociales del desarrollo económico. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos sociales del desarrollo económico.** Santiago: Editorial Andrés Bello, 1959c. p. 33-68.

\_\_\_\_\_. Tres aspectos sociológicos del desarrollo económico. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos sociales del desarrollo económico.** Santiago: Editorial Andrés Bello, 1959d. p. 69-95.

\_\_\_\_\_. El problema social en el desarrollo económico de Bolívia. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos sociales del desarrollo económico.** Santiago: Editorial Andrés Bello, 1959e. p. 97-129.

\_\_\_\_\_. La opinión de un sociólogo. In: MEDINA ECHAVARRÍA, J.; HIGGINS, B. (Org.) **Aspectos sociales del desarrollo económico de América Latina.** Paris: UNESCO, 1963a, v. 2. p. 14-144.

\_\_\_\_\_. **Sección de sociología del desarrollo.** Documento de trabalho del ILPES. Santiago: ILPES, mimeo, 26 de março 1963.

\_\_\_\_\_. **Consideraciones sociológicas sobre el desarrollo económico de América Latina.** Buenos Aires: Solar-Hachette, 1964. 167 p. (Biblioteca Dimensión Americana).

\_\_\_\_\_. **Filosofía, educación y desarrollo.** Cidade do México: Siglo XXI, 1967a. p. 323.

\_\_\_\_\_. **Discurso sobre política y planeación.** Cidade do México: Siglo Ventiuno Editores, 1972. p. 231.

REZENDE, M. J. Celso Furtado e Karl Mannheim: uma discussão acerca do papel dos intelectuais nos processos de mudança social. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences.** Maringá, v. 26, n. 2, p. 239-250, 2004.

\_\_\_\_\_. As contribuições de Celso Furtado para a teoria da mudança social no Brasil. **Plural.** São Paulo, n. 11, p. 9-41, 2004.

ROMO, H. G. De la orden cepalina del desarrollo al neoestructuralismo en América Latina. **Revista de Comercio Exterior,** México, DF, v. 57, n. 4, p. 295-313, abril 2007

SKINNER, Q. Significado y comprensión en la historia de las ideas. **Prismas. Revista de historia intelectual**, n. 4, p. 149-191, 2001.

VIEIRA, R. M. **Celso Furtado. Reforma, política e ideologia (1950-1964)**. São Paulo: EDUC, 2007.

WEBER. M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. I Brasília: UNB, 2009.